



## **“I am SherLocked”: Afeto e questões de gênero no interior da comunidade de fãs da série Sherlock**

*“I am SherLocked”:  
Affect and gender in Sherlock fans  
community*

**Patrícia Matos <sup>1</sup>**

**RESUMO** Sherlock, versão contemporânea da rede britânica BBC para o personagem de Arthur Conan Doyle, se tornou conhecida por combinar a narrativa original do século XIX com a rapidez proporcionada pela tecnologia e o dinamismo dos dias atuais. Chama atenção o fato de a série atrair majoritariamente o público feminino, já que seus personagens, em diversos momentos, desafiam os ideais de masculinidade da sociedade atual. Por isso, a prática do shipping se tornou tema central desta pesquisa por levantar questões de gênero, investimento afetivo (GROSSBERG) e disputa simbólica (BORDIEU), além de ser útil para questionar os limites da participação dos fãs em produtos de ficção seriada. Também é discutido o método etnográfico, de acordo com as ideias de Matt Hills, bem como formas de etnografia online e a posição de insider nas comunidades de fãs.

**PALAVRAS-CHAVE** Fãs; Investimento Afetivo; Disputa Simbólica; Etnografia; Ficção Seriada

**ABSTRACT** Sherlock, BBC's contemporary version of the classic Arthur Conan Doyle's character, became known for combining the original narrative of the nineteenth century with the speed afforded by technology and the dynamism of today. Noteworthy is also the fact that the series attract mostly female audience, since their characters often defy the ideals of masculinity in today's society. Therefore, the practice of shipping became a central theme of this research since it raises issues of gender, affective investment (GROSSBERG) and symbolic dispute (BOURDIEU) besides being useful to question the limits of fans' involvement in serial fiction products. Ethnographic method is also discussed, according to Matt Hill's ideas, as well as forms of online ethnography and the insider condition in fans communities.

**KEYWORDS** Fans, Affective Investment, Symbolic Dispute, Ethnography, Serial Fiction

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Demanda Social da CAPES. E-mail: patriciamatos85@gmail.com

## Introdução

**S**herlock, versão contemporânea da rede britânica BBC para o personagem de Sir Arthur Conan Doyle, se tornou conhecida por combinar os elementos que fizeram o personagem se tornar um ícone da cultura britânica do século XIX com a rapidez e despojamento proporcionados pela tecnologia dos dias atuais. Na nova versão, o famoso detetive consultor trocou o cachimbo por adesivos antifumo e lupa pelo smartphone. Sua perspicácia continua a mesma, mas sua hiperatividade é típica dos dias atuais. Seu parceiro inseparável, Dr. Watson (ou apenas John), além de ajudar o amigo a solucionar crimes, é o responsável por narrar as proezas do detetive, dessa vez através de um blog. A relação de admiração e lealdade entre John e Sherlock frequentemente resulta em comentários sobre a sexualidade da dupla, dentro e fora da série.

Em pouco tempo e com apenas duas temporadas de três episódios cada, a série conquistou fãs fiéis que atualmente se ocupam em acompanhar passo a passo a produção da terceira temporada através de *fansites*. Além disso, sites, blogs, páginas no facebook, twitter e tumblr dedicados à série divulgam notícias relacionadas ao elenco e seus projetos, discutem aspectos relacionados à trama e à obra original, criam teorias, trocam *fanarts* e *fanfics*<sup>2</sup> e organizam encontros. No Brasil, apesar de a série só ter começado a ser exibida

---

<sup>2</sup>Fan fic, abreviação de fan fiction, são histórias criadas pelos fãs com base na obra original, a fim de preencher “lacunas” ou simplesmente explorar outras possibilidades narrativas, podendo ou não manter a maioria dos elementos originais, criando personagens e até cenários novos. Já as fan arts podem ser desenhos, ilustrações, montagens etc.

em junho de 2012, com a chegada do canal BBC no país, fãs já se organizavam principalmente em torno do blog Sherlock Brasil, sua página no facebook, no tumblr e no twitter<sup>3</sup>.

A motivação inicial para este trabalho foi uma curiosidade em relação ao formato e a recepção da série. Com episódios mais longos, temporada mais curta e esquema de exibição irregular, Sherlock foge ao padrão norte-americano de ficção seriada que o espectador (inclusive no Brasil) está acostumado. Portanto, em um primeiro momento me interessei em saber como a série conseguiu conquistar a fidelidade do público (que teve de enfrentar um hiato de dois anos entre a primeira e a segunda temporadas e no momento aguarda mais de um ano pela terceira). Porém, ao observar a comunidade de fãs mais de perto surgiu o interesse em relação às questões de gênero levantadas pela série e como isso é recebido pelos fãs. Chama atenção o fato de a série atrair majoritariamente o público feminino, ao passo que seus personagens principais desafiam em muitos momentos os ideais de masculinidade da sociedade atual. Este se tornou, então, um tema emergente desta pesquisa, com especial atenção para a prática do *shipping*, ou seja, fãs que criam narrativas tendo como tema central o envolvimento amoroso entre personagens que não acontece na trama original em um duplo movimento de ir de encontro ao cânone (já que a obra original de Conan Doyle não se refere a um suposto envolvimento entre Sherlock

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://sherlockbrasil.blogspot.com.br/>>, <<https://www.facebook.com/SherlockBrasil>>, <[https://twitter.com/Sherlock\\_Brasil](https://twitter.com/Sherlock_Brasil)>, <http://sherlockbrasil.tumblr.com/>>



e Watson) e de extrapolar elementos presentes na obra (no caso, a série da BBC).

### **Sobre o método: por uma etnografia das comunidades de fãs**

Primeiramente é necessário que se façam algumas ressalvas em relação ao método empregado. Nos dias atuais, não só as pesquisas sobre comunidades de fãs têm sido cada vez mais comuns, como a presença de autoproclamados pesquisadores *insiders* tem sido constante, além da utilização da internet como ferramenta de pesquisa. Cada um desses fatores tem suas consequências e o cuidado deve ser redobrado para que o pesquisador não caia em extremos como o mito do fã altamente produtivo, da posição de insider como um bem em si mesmo ou da internet como a ferramenta ideal de observação.

*Fandom*, palavra em inglês frequentemente utilizada para se referir às comunidades de fãs de determinado objeto (filme, livro, série, artista...) é uma abreviação de “fan kingdom”, ou seja, “reino do fã”. Assim, temos que os fãs constituem comunidades com seus rituais, práticas, símbolos e linguagem próprias, diferente da visão frankfurtiana de que o fanático (de onde vem a palavra fã e com forte conotação religiosa) seria apenas um produto da Indústria Cultural, sem maiores problematizações. Pesquisas recentes sobre o assunto tem enfatizado o engajamento dos fãs, em seu dia a dia, em práticas que permitem que eles leiam (ou “se apropriem”, na definição de Henry Jenkins, 1992, em tradução livre), os mais diversos sentidos a partir dos textos e se utilizem deles para reformatizar sua identidade. O estudo das comunidades de fãs é útil para iluminar alguns dos me-

canismos principais pelos quais nós interagimos e formamos vínculos emocionais com nós mesmos e com os outros em uma realidade altamente mediada (WILLIAMS, 2011).

Matt Hills em *Fan Cultures* (2002) chama atenção para o fato de que a condição de fã envolve necessariamente “afeto, apego e até mesmo paixão, assim como, sobretudo, a dimensão de comodificação através da qual esses processos são habilitados e inseridos” (HILLS, 2002, p. 65). Significa dizer que tais sentimentos, característicos do fã, nem sempre podem ser expressos em palavras e que a prática de interrogar o fã diretamente sobre o porquê de seu investimento afetivo (GROSSBERG, 2001) é colocá-lo em uma posição de justificativa que o induz a reproduzir discursos senso comum e previamente construídos. Por isso, o método etnográfico se mostra especialmente eficiente pois permite uma verdadeira imersão no “reino” do fã em vez de afirmações superficiais a partir de representações muitas vezes exageradas difundidas pelo discurso jornalístico e senso comum – como as imagens da Beatlemania e do fã que assassinou John Lennon, representando respectivamente os estereótipos da massa histórica e do indivíduo obsessivo – ou ainda no depoimento dos próprios fãs que tendem a reformatizar seu próprio comportamento na presença de pesquisadores, da imprensa e de seus ídolos (MATOS, 2010). Para Hills, o método etnográfico deve ser utilizado justamente para revelar o que ele chama de “mantras discursivos”, ou seja, “um recurso discursivo relativamente estável, que circula dentro da mídia de nicho e fanzines e usado (por meio de racionalização coletiva) para afas-

tar a sensação de que o fã é “irracional” (HILLS, 2002, p. 67).

Hills afirma, ainda, que o método etnográfico como utilizado pelos Estudos Culturais raramente esteve atento para este fato e falhava em considerar processos de autolegitimação e disputa simbólica no interior das comunidades de fãs que estivessem além do discurso. O autor argumenta que o discurso do fã em muitos momentos atua no sentido de justificar seu investimento afetivo (tanto para si mesmo como para a crítica externa) e que está inserido em um espectro de expectativas particulares de cada comunidade. Em outras palavras, não só o discurso do fã como o próprio sentido que aquele objeto tem (que, por sua vez, é construído discursivamente), é negociado coletivamente, tanto para produzir sentido sobre/para si mesmos, quanto para os outros, em uma tentativa de criar uma imagem pública racionalizada e coerente. Portanto, tomar o discurso do fã como a verdade absoluta impede que o pesquisador revele tais mecanismos, o que só é possível com uma entrada em campo intensiva e duradoura.

O autor critica a posição de *insider* ou “acadêmico-fã” (aclamada, por exemplo, por Henry Jenkins em *Textual Poachers*, de 1992) e o mito da internalidade, ou seja, a crença de que uma visão “de dentro” da comunidade de fãs seria mais autêntica e próxima de uma suposta verdade sobre ser fã. Essa prática iria de encontro com a etnografia mais tradicional segundo a qual o pesquisador deveria imergir de forma duradoura no campo estudado e que este deveria ser essencialmente estranho para ele. Acredito que a posição de *insider*, se bem usada, possa ser uma aliada im-

portante para ganhar a confiança dos membros da comunidade, demonstrar que o pesquisador compartilha de pelo menos parte do investimento afetivo e do repertório da comunidade, ter um melhor entendimento do vocabulário, das categorias nativas e piadas internas. Ser um *insider* pode ser muito vantajoso também e, principalmente, para mostrar que o pesquisador não é um intruso que está ali somente para colher as informações que deseja sem oferecer nada em troca. Porém não é algo que pode ser considerado um bem em si mesmo, sendo substituível por pesquisa prévia e uma entrada em campo cuidadosa.

Sobre as especificidades do método etnográfico no ambiente da internet, Hine (2008) aponta para a necessidade de se considerar o contexto offline dos membros da comunidade, ou seja, o que compõe a realidade social das interações online:

Recentemente etnografia virtual tem continuamente enfatizado a realidade social da Internet, mas tem começado a explorar as complexas conexões entre espaços sociais online e offline. Um dos principais desafios para o futuro é desenvolver formas de etnografia que levem a sério a realidade social das configurações on-line, ao mesmo tempo em que explorem sua incorporação na vida cotidiana. O quanto “etnografia virtual” deve continuar a ser uma categoria marcada de etnografia é, portanto, discutível (HINE, 2008, p. 257-258).

Segundo Hine, as primeiras etnografias no meio virtual aparecem na metade dos anos 1990. A autora cita o trabalho de Nancy Baym como um dos principais responsáveis tanto pelo status de comunidade conferido aos grupos de discussão online (mesmo que ainda haja discordâncias),



como pelo emprego do método etnográfico a este tipo de formação. Baym atuou como observadora participativa em um grupo de discussão e troca de informações via internet por mais de 3 anos, tendo começado como uma usuária comum. Ela coletou mensagens, fez entrevistas e questionários mas acima de tudo sua incorporação como parte da comunidade levou a um entendimento profundo sobre suas práticas.

Baym utilizou a participação no grupo como um meio para entender aspectos importantes da vida social ali, como o humor local específico, a linguagem e as hierarquias sociais emergentes. Era possível para ela reivindicar uma compreensão profunda, graças ao período de tempo que ela passou lá, e os diferentes meios que ela usou tanto para ver as questões através dos olhos dos membros do grupo quanto para dar um passo atrás e interpretar observações à luz de enquadramentos sociológicos (HINE, 2008, p. 259).

Está claro que Baym não teria alcançado os mesmos resultados caso não tivesse participado ativa e profundamente da comunidade estudada. Porém isso não se deu graças a uma condição de *insider* preestabelecida e sim através da relação criada pela pesquisadora e suas estratégias de inserção e também de distanciamento. Ou seja, mesmo que a presença do pesquisador possa limitar, inibir ou potencializar a performance dos fãs, o trabalho etnográfico implica necessariamente em “um acesso negociado, interações observadas e comunicação com os participantes. Estas descrições configuram uma relação em que o etnógrafo tem uma experiência vasta e sustentada do campo que é improvável que o simples leitor compartilhe” (HINE, 2000, p. 46). Desta forma, a

prática do “*lurking*” (indivíduos que apenas observam a dinâmica da comunidade, sem participação ativa), defendida por muitos pesquisadores como uma forma de não interferir nos resultados da pesquisa ou simplesmente utilizada sem qualquer questionamento, posicionaria o pesquisador em apenas uma das extremidades do espectro de participação na comunidade, limitando sua experiência. Além disso, Baym sugere que o envolvimento com a comunidade estudada proporciona a seus membros a sensação de que o grupo será bem representado, o que encoraja a participação (BAYM, 2000). Sendo assim, considera-se fundamental que o pesquisador anuncie não só sua presença como suas intenções. Como Hine aponta, “etnografia virtual é etnografia na, da e através da internet” (2008, p. 262), ou seja, dominar a internet como artefato cultural, como ambiente de interação e também como ferramenta se mostra fundamental para o sucesso do método.

### Sobre a entrada em campo

A realização desta pesquisa coincidiu com o início da produção da terceira temporada da série e, por isso, durante este período os fãs estiveram particularmente ativos e se concentravam na divulgação de notícias e *spoilers*<sup>4</sup> sobre as filmagens, na maioria das vezes replicando e ana-

---

4 O termo *spoiler* pode ser traduzido como “estraga-surpresa”. Consiste na divulgação antecipada de detalhes sobre a trama que, na visão dos fãs, podem atrapalhar a fruição, fazendo com que o momento de assistir não seja aproveitado totalmente. Por outro lado é comum que alguns fãs busquem os spoilers como forma de saciar a curiosidade e é papel dos blogs que funcionam como gatekeepers prover tais informações, sempre alertando o leitor que pode se tratar de um spoiler.



lisando informações publicadas pelos próprios membros da produção nas redes sociais. Esta dinâmica acontece quase que exclusivamente online e também é bastante facilitada pela rapidez com que as informações circulam na rede.

Foram realizadas, também, entrevistas e conversas em tom mais informal com fãs e principalmente os mantenedores da rede Sherlock Brasil que inclui blog, página no Facebook, Twitter e Tumblr. O Sherlock Brasil reúne a maior parte dos fãs da série no país e não parece ter concorrentes no meio virtual. Porém, a análise não se concentrou somente neste grupo de fãs brasileiros por entender que estes não se encontram isolados e sim inseridos em um contexto e interagem com frequência com outros fãs de todo o mundo – uma característica cada vez mais forte do meio virtual, que facilita este tipo de intercâmbio. O meio virtual também possibilitou um momento inicial de observação e coleta de dados apenas, o que facilitou o primeiro contato com a comunidade estudada, possibilitou observações preliminares e a escolha da melhor maneira de entrar em campo.

Minha entrada em campo ocorreu após um e-mail enviado para o endereço de contato do site, respondido por Renata, que se colocou como a fundadora do grupo (apesar de não ser a fã mais experiente, segundo ela) e principal porta-voz. Paralelamente a isso, participei de um grupo também no Facebook que, apesar de se chamar Sherlock Brasil, não tem ligação direta com o site. Neste espaço, colhi diversas informações e imagens que se encontram neste trabalho.

No primeiro contato, Renata detalhou a organização e divisão de tarefas do grupo de seis meninas responsáveis por coordenar, atualizar, tra-

duzir, ilustrar, fazer contatos e organizar eventos. Com exceção de uma, toda a equipe se mostrou disponível para a pesquisa.

Segundo Renata, “a, digamos, ‘comunidade sherlockiana’ no Brasil não é de maneira alguma tão unida e empolgada quanto a europeia”. Por isso, mesmo tendo encontrado um espaço em que fãs mais ativos se reúnem, obviamente não seria possível dar conta da totalidade do fenômeno (apesar de o grupo Sherlock Brasil no Facebook contar com mais de 400 membros, sabe-se que apenas uma pequena parte deles são realmente ativos). Por outro lado, é possível identificar alguns padrões, já que diversos elementos são comuns a várias comunidades de fãs e outros são específicos deste fandom, como veremos adiante.

### **Sherlockians, Johnlockers, Cumberbitches e FreeGirls: As especificidades da comunidade de fãs de Sherlock**

Como dito anteriormente, a pesquisa foi realizada justamente em um momento importante para a comunidade de fãs, qual seja, os preparativos para a terceira temporada da série. Como em qualquer comunidade de fãs a divulgação de notícias, spoilers, trailers e afins costuma causar alvoroço naqueles ávidos por novidades. Porém, o grande ápice para os fãs de Sherlock tem sido a divulgação de fotos da produção, montagem de cenários e até as sessões de leitura do roteiro, tudo documentado e divulgado pela própria equipe da série e acompanhada de perto pelos fãs.

Como em diversas outras comunidades de fãs, esta se dedica à criação de textos e objetos relacionados à obra. Vídeos, montagens, ilustrações, fan fictions, marcadores de livro, roupas, acessó-



rios e até esmaltes. Também a utilização das diversas frases de efeito do personagem principal, a trivía e as referências são formas de disputa e troca de capital simbólico (BOURDIEU, 2007) muito presentes entre fãs de uma maneira geral. Ainda, o uso de um vocabulário próprio, com neologismos e referências é bastante presente. Chama atenção o frequente uso da palavra “cânone” para se referir às obras originais de Conan Doyle ou outras versões já consagradas do personagem.



Figura 1. Fã pinta nas unhas alguns símbolos relacionados à série.

Durante minha observação, dois elementos se destacaram. O primeiro é a forte presença de *crossovers* e até mesmo a “união de fandoms” com outros objetos, notadamente a série *Doctor Who* (também da rede BBC e dos mesmos realizadores de *Sherlock*), os filmes e livros de *Harry Potter* e a série *Supernatural*. Os fãs se utilizam de termos como “*Superwholock*” (junção dos nomes das séries *Supernatural*, *Dr. Who* e *Sherlock*) para designar seus objetos de investimento afetivo e também como marcador de pertencimento a determinado grupo. Isso vai de encontro a noção de que o fã se dedicaria exclusivamente a um

único produto, fazendo deste sua principal forma de construção identitária (ou seja, o fã como um obcecado por um determinado assunto apenas).

Há também massiva presença de público feminino e de discursos que remetem ao envolvimento afetivo com os personagens e também com seus intérpretes (por exemplo, as fãs que se autodenominam *Cumberbitches* e *FreeGirls*, referências a Benedict Cumberbatch e Martin Freeman, intérpretes de *Sherlock* e *Watson*, respectivamente), também uma constante em diversos outros fandoms.

A prática do *shipping* parece ser um dos principais elementos de sociabilidade presentes nesta comunidade. O termo vem de *relationship* (relacionamento, em inglês) e dá conta da capacidade que estes fãs têm de se envolver afetivamente com os relacionamentos amorosos entre personagens de ficção, muitas vezes até criando casais que não existem na obra original. Esta prática antecede mesmo o surgimento do termo *shipping*, sendo o casal Fox Mulder e Dana Scully, da série *Arquivo X* (1993-2002), considerado um dos exemplos mais antigos (WILLIAMS, 2011). Independente do nível de verossimilhança do casal em relação à obra, os *shippers* (como são chamados os fãs que praticam o *shipping*) normalmente sustentam que o casal existe, pode existir ou deveria existir. No caso estudado, esta prática parece se voltar completamente aos personagens de *Sherlock* e John. Também é comum unir os dois nomes, criando um termo para designar o casal (No caso, *Johnlock* seria a junção dos nomes John e Sherlock e *Johnlockers* ou *Team Johnlock* o termo para os *shippers* em questão).

### Shipping, slash e questões de gênero

“Bem-vindo a bissexualidade, Capitão Kirk, onde gênero não tem nada a ver com quem você deseja”. (JENKINS, 1992 - Trecho de slash fiction ligada ao universo da série Star Trek)

Durante o período em que observei a comunidade de fãs de Sherlock e mais especificamente a prática do shipping questões de gênero e problematizações acerca da homossexualidade poucas vezes estiveram presentes de forma direta. Já na narrativa da série este é um tema recorrente (em alguns momentos se mostra como certa obsessão dos roteiristas, tratado ao mesmo tempo como algo importante para o personagem e uma piada que nunca deixa de ter graça). Já no primeiro episódio, “Um Estudo em Rosa”, um diálogo entre John e Sherlock, que acabaram de se conhecer, revela a falta de interesse de Sherlock pelas mulheres e lança dúvidas sobre sua orientação sexual.

- Então você não tem namorada?
- Namorada? Não, não é muito a minha área...
- Tudo bem... você tem namorado? - O que é ok, por sinal.
- Eu sei que é ok.
- Então você tem namorado?
- Não.

Em seguida, Sherlock parece deduzir que John está interessado nele e dispara: “John, fico lisonjeado, mas você precisa saber que me considero casado com meu trabalho...” ao que John, embaraçado, nega o interesse.

Curioso observar alguns comentários de fãs no youtube sobre a cena citada:

Acabo de me dar conta de que Sherlock Holmes - ele das infalíveis deduções - deduz que a) John é bissexual e b) John está interessado

nele. É daí que vem a resposta sou-casado-com-meu-trabalho. Oh meu deus! Sherlock Holmes eliminou o impossível e o que restou, ainda que improvável (ou seja, o interesse de John por ele), deve ser a verdade.<sup>5</sup>

Eu gostaria muito que eles [os roteiristas] tornassem John e Sherlock um casal. Eu posso sonhar, não posso? John está claramente em negação, não está?

Mesmo com as insinuações sobre a sexualidade de Sherlock e John algumas de suas fãs parecem ainda assim manter uma relação de idealização romântica com os mesmos. Esta relação parece encontrar eco nos personagens da dominatrix Irene Adler e da patologista Molly. Em entrevista, a atriz Louise Brealey afirma que sua personagem deveria aparecer apenas no episódio piloto para assinalar o desinteresse de Sherlock pelas mulheres. Porém, Molly acabou permanecendo na trama, desenvolvendo uma paixão platônica pelo detetive e também desempenhando um papel importante no fim da segunda temporada. Já Irene Adler, que na série se diz homossexual, desenvolve uma relação ambígua com Holmes. Ao descobrir, através de sua ciência da dedução, que Irene se sente atraída por ele, Sherlock descobre uma senha que supostamente dá acesso a fotos comprometedoras e outros segredos ligados à família real britânica. A cena gerou um *meme*<sup>6</sup>

5 Referência a uma conhecida frase de efeito do personagem: “Uma vez que você elimine o impossível, o que restar – ainda que improvável – deverá ser a verdade.”

6 O termo *meme* é comumente utilizado na internet para designar algo que se multiplica rapidamente através da rede. Pode ser uma imagem, uma ideia ou conceito que parece ter o poder de se autopropagar, ou em linguagem de internet, viralizar.





extremamente difundido entre os fãs da série: a frase “I am SherLocked”.

A série parece ter uma agenda, em sua narrativa, que aponta para formas mais fluidas de sexualidade e afeto na contemporaneidade, como sugere Irene em um diálogo com John no episódio “Um Escândalo na Belgravia”:

- Nós não somos um casal
- Sim, vocês são
- (...)
- Só para constar, se alguém ainda se importa, eu não sou gay.
- Bem, eu sou. E mesmo assim, olhe só para nós.<sup>7</sup>

Apesar das muitas insinuações deste tipo presentes na série, seus criadores negam que Sherlock Holmes e John Watson seriam ou ainda que possam vir a formar um casal. Ao serem questionados acerca do subtexto homoafetivo, Mark Gatiss e Steven Moffat (criadores, produtores e roteiristas da série) afirmam que as piadas começaram no episódio piloto diante da necessidade de esticar uma cena. Apesar de ser abertamente homossexual, Mark Gatiss afirma que – contrariando a crença geral – não é ele e sim Moffat o criador de tais piadas e ainda afirma ter avisado: “Eles [os fãs] só vão falar sobre isso!” Gatiss sustenta, ainda, que a amizade entre Sherlock e John é tão forte que pode ser confundida com algo a mais e Moffat acrescenta que a mesma confusão ocorre em relação à Irene Adler: “Por que tudo precisa envolver sexo? É fascinação que Sherlock e Irene sentem pelo outro, não desejo. Certamen-

<sup>7</sup> Para muitos fãs, o subtexto da fala de Irene é que os dois estariam envolvidos por Sherlock apesar de suas orientações sexuais e afetivas.

te há uma história de amor entre essas duas duplas, mas não necessariamente um amor romântico” (“The Game is On”, entrevista disponível no site Sherlock Brasil, 2012).



Figura 2. Montagens ironizam a relação entre Sherlock Holmes e John Watson

Curioso notar que, como aponta Williams (2011), existem muitos casos em que produtores simultaneamente encorajam e restringem as atividades dos fãs, incitando a participação e a criatividade mas, paradoxalmente, diminuindo suas expectativas de que seus desejos se realizem. A pesquisadora analisa, ainda, como os criadores da série Arquivo X encorajavam o *shipping* através de subtextos, “quase-beijos, casamentos se-

cretos e gestos íntimos” (SILBERGLEID, 2003) e que a análise textual e de estrutura narrativa da série demonstrava “como as interpretações dos shippers eram encorajadas, quando não adotadas pelos criadores da série” (SCODARI; FELDER 2000, p. 239). Porém, fora da narrativa, os autores sempre sustentaram que Mulder e Scully jamais se tornariam um par romântico (WILLIAMS, 2011, p. 276).

Mesmo assim (e talvez por isso mesmo), proliferaram teorias, *fan fictions* e *fanarts* com o tema, muitas com conteúdo erótico – a estas se acrescenta o termo slash, que tem origem nas *slash fictions*. As *slash fictions* começaram como gênero de fan fiction no início dos anos 1970, após alguns fãs da série Star Trek começarem a sugerir e apontar como os personagens de Kirk e Spock se importavam mais um com o outro do que qualquer outro personagem feminino da trama (JENKINS, 1992). No início, este tipo de produção não foi bem aceita por todos os fãs. Muitos consideravam (e ainda consideram) as slashes como infidelidade à obra e até mesmo algo moralmente reprovável. Jenkins aponta para a proibição da distribuição de slashes em algumas convenções naquela época com receio de ofender os atores bem como outros fãs. Apesar disso, a prática se expandiu e ganhou aceitação nas comunidades de fãs ao longo dos anos.<sup>8</sup>

A principal característica das *slash fictions*, além do conteúdo homoerótico, é o fato de que

---

<sup>8</sup> Jenkins escreve e fala sobre uma época em que a distribuição desse tipo de material era feita unicamente através de fãzines impressos. Hoje, com a internet, não só a cultura de fã se expandiu como a circulação deste tipo de material se tornou mais fácil e fluida.

os personagens ali apresentados não sustentam relações e tampouco tem sua sexualidade contestada em nenhum momento na obra. O curioso no caso da série Sherlock é que os fãs tem de fato material para as slash fictions na medida em que o suposto envolvimento amoroso entre Sherlock e Watson é sugerido a todo o momento na narrativa, em tom sério ou não, além de a sexualidade de Sherlock ser debatida em diversos momentos, ora aparecendo como assexuado, andrógino, ou apenas demasiadamente afetado, ora como potencialmente homossexual.

Henry Jenkins em *Textual Poachers* (1992) dedica um capítulo a análise das *slash fictions*, sua função e importância para quem escreve e os valores que as sustentam. Para ele, as *slash fictions* constituem “uma reação contra a construção da sexualidade masculina na televisão e na pornografia” (p. 189). Além disso, para os fãs e escritores de *slash fiction* (em sua maioria mulheres) estudados por Jenkins, o relacionamento entre dois homens parecia carregar valores como companheirismo, lealdade e cumplicidade, que não estariam presentes nas relações heterossexuais e na família de modelo patriarcal. Outros autores, como Woledge, apontam para o “potencial subversivo” das *slash fictions* e afirmam que “não é o erotismo mas a intimidade que tem o potencial de subverter os pressupostos atuais sobre as relações interpessoais” (WOLEDGE, 2006, p. 97).

Woledge classifica a maioria das slash fictions como textos “intimatópicos” (da junção de “intimidade” e “utópico”), ou seja, que não estariam interessados em questões políticas e de gênero e sim em “realçar imagens de amor e intimidade que



em nossa cultura não são normalmente associados com as relações interpessoais entre homens” (idem, p. 100). A autora caracteriza tais textos como “homoindiferentes”, na medida em que “embora muitas vezes retratem atos homossexuais, mantém distância de políticas homossexuais” (idem, p. 103) e por isso, em sua maioria, se passam em cenários históricos, futurísticos e de fantasia, isolados do mundo real e contemporâneo. “Um mundo de intimidade masculina, sim, mas não o mundo do homossexual moderno” (idem), conclui.

Já para Jenkins “há implicações consideráveis por trás da mudança na concepção de heróis masculinos, uma vez que uma rigidamente definida e hierárquica concepção de gênero permanece central em todos os aspectos da experiência social e cultural contemporânea” (1992, p. 189). Sendo assim, quais as implicações da construção de um herói em certa medida andrógino, que desafia as definições de gênero e masculinidade para as formas como os jovens e a sociedade em geral lidam com essas questões hoje? Uma discussão ocorrida recentemente na comunidade exemplifica algumas das questões tratadas aqui. A discussão teve início com uma enquete lançada no grupo de fãs no Facebook que visava descobrir qual casal (shipp) era o preferido entre os membros. A enquete misturava casais fictícios hetero (Sherlock/Irene, Sherlock/Molly) e homoafetivos (Mycroft/Lestrade, Sherlock/Moriarty). Abaixo, uma seleção de alguns posts que julguei mais significativos para a questão tratada aqui. A ordem dos posts bem como a grafia foram mantidas, porém os nomes dos usuários foram omitidos por se tratar de um grupo fechado.

Nenhum desses ‘shipes’ é canônico.... Não há nada que tende para um lado ou outro..... O máximo que chega perto de alguma coisa é a consideração de Holmes pela Irene. E a amizade fraterna entre Holmes e Watson....

Discordo levemente, porque qnd li os livros (muito antes do seriado), sempre senti algo em relação a Watson/Holmes.

Mas eu não vi nada além de uma amizade fraterna entre os dois!!!! Uma coisa é fato: é moda hoje chamar de homossexualismo toda e qualquer relação mais próxima e forte de afeto entre 2 pessoas de mesmo sexo (...) Aí, uma coisa que mtas vezes não tem nd a ver ou nem se foi pensado nisso na época, enfiam conclusões e interpretações errôneas!

Eu acho que nos temos um problema de sexismo e de papel de gênero muito sério nessa discussão, que é toda a questão de ‘homem não pode ser próximo de outro homem’.

É estranho, mas também faço essa divisão... eu shippo Johnlock na série, porque é cheio de queerbaiting na parada, mas no livro, eu só consigo ver dois grandes amigos, que se amavam (“QUICK, man, if you love me!”), moravam juntos e resolviam casos.

Digo e repito, qualquer um que já tenha tido uma relação de amizade sendo entendida por terceiros como relacionamento amoroso entende a piada que o Moffat e o Gatiss fazem na série. Eu entendo e sempre entenderei como uma crítica velada a questão ‘homem não pode ser próximo de outro homem’ citada ali em cima. (...) Acho PERTUBADOR que as pessoas não consigam entender fortes laços de amizade, provavelmente por eu achar a paixão “um sentimento menor”.

É muito fácil shippar casais héteros quando existe muito mais que subtext entre eles. Shippar Johnlock através do cannon é um exercí-

cio de leitura maravilhoso, de ver além do óbvio, ver além da superfície, um livro escrito naquela época as coisas não gritam na sua cara.

É claro que o Moffat sabia que isso ia acontecer, ele escreveu Coupling! Esse é um ship fácil sim, a série te dá essa ideia de bandeja.

A verdade é que arranjar 'motivo' pra shipar Johnlock é 'fácil' Não é uma questão de par hétero ou homo, é uma questão de como tratam os personagens e como se observa o canon, de interpretação.

## Conclusão

Como vimos, a prática do shipping e a produção de slash fictions não existe na comunidade de fãs sem algum conflito, disputa e problematização. Porém, mesmo entre fãs que não consomem diretamente as slash fictions e que não praticam o shipping os mesmos valores associados aos personagens persistem: lealdade, confiança e admiração. Observar as práticas e interações desta comunidade de fãs se mostrou útil para pensar sobre as formas como o afeto é percebido nas narrativas contemporâneas e também para discutir os limites da participação dos fãs em produtos de ficção seriada. Este trabalho também defende que tais observações, ainda que preliminares, dificilmente seriam possíveis sem participação ativa na comunidade, tendo o método etnográfico se mostrado particularmente eficaz em revelar códigos, valores e discursos produzidos pela comunidade de fãs. Com isso, espera-se contribuir para trabalhos futuros no campo.

## BIBLIOGRAFIA

BAYM, Nancy. *Tune In, Log on: Soaps, Fandom and Online Communities*. London: Sage, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Edusp, 2007.

GROSSBERG, Lawrence. *Is there a fan in the house?: the affective sensibility of fandom*. In: LEWIS, Lisa A. (org). *The Adoring Audience: fan culture and popular media*. London, New York: Routledge, p. 50-65, 2001.

HILLS, Matt. *Fan Cultures*. Nova Iorque: Routledge, 2002.

HINE, Christine. *Virtual ethnography: Modes, varieties, affordances*. *The SAGE handbook of online research methods*, p. 257-270, 2008.

JENKINS, Henry. *Textual Poachers. Television fans & participatory culture*. Routledge: 1992.

MATOS, Patrícia. *Performance, investimento afetivo e disputa simbólica: a dinâmica da comunidade de fãs do grupo Backstreet Boys*. Rio de Janeiro, (Monografia em Comunicação Social) - UFRJ, 2010.

SCODARI, Christine; FELDER, Jenna. 'Creating a Pocket Universe: "Shippers," Fan Fiction, and the X-Files Online', *Communication Studies*, 51 (3), 2003, pp. 238-257.

SILBERGLEID, Robin. "The Truth We Both Know": Readerly Desire and Heteronarrative in The X-Files', *Studies in Popular Culture*, 2003.

WILLIAMS, Rebecca. 'Wandering off into soap land': Fandom, genre and 'shipping' *The West Wing*. *Journal of Audience & Reception Studies*. Volume 8, Issue 1, 2011.

WOLEDGE, Elizabeth. *Intimatopia: Genre intersections between slash and the mainstream*. In: *Fan fiction and fan communities in the age of the internet*, 2006.



The Game Is On: Elenco de Sherlock se reúne para falar sobre a série. In: Sherlock Brasil, 17 de nov. de 2012. Disponível em: <<http://sherlock-brasil.blogspot.com.br/2012/11/the-game-is-on-elenco-de-sherlock-se.html>>

**“I am SherLocked”: Afeto e questões de gênero no interior da comunidade de fãs da série Sherlock**

Patrícia Matos

Data do Envio: 08 de abril de 2013.

Data do aceite: 04 de julho de 2013.

